

FATORES PREDISPOENTES PARA SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA EM UM CONTEXTO UNIVERSITÁRIO

Clícia Valim Côrtes Gradim¹, Ana Paula Alonso Reis Mairink², Sandra Cristina Pillon³
e Zeyne Alves Pires Scherer³

1. Universidade Federal da Paraíba. Programa de Pós-graduação em Enfermagem da UFPB. João Pessoa, Paraíba, Brasil;
2. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais - campus Muzambinho. Professora EBTT. Muzambinho, Minas Gerais, Brasil;
3. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Psiquiátrica. Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil.

RESUMO

Estudo descritivo, quantitativo que teve por objetivo analisar os fatores predisponentes para situações de violência em estudantes universitários. Foi utilizado um questionário com informações sociodemográficas, tipos e situações de violência avaliados entre 991 estudantes universitários, dos quais 34,2% vivenciaram algum tipo de violência, a maioria psicológica. As variáveis preditoras para situações de violência domiciliar na infância foram pertencer ao sexo feminino e não ter atividade remunerada. Os estudantes dos últimos anos acadêmicos apresentam maiores chances de vivenciarem situações de violência física. Os fatores que diminuem as chances de vivenciar situações de violência sexual foram sofrer insultos, ser casado e ter atividades remuneradas. Evidencia-se a existência de situações de violência no âmbito universitário e a necessidade de prevenção e promoção de saúde junto a essa população.

Palavras-chave: Violência, Estudantes e Formação de recursos humanos.

ABSTRACT

Descriptive, quantitative study that aimed to assess the predisposing factors for situations of violence in university students. A questionnaire was used with sociodemographic information, types and situations of violence evaluated among 991 university students, of which 34.2% experienced some type of violence, most of them psychological. The predictive variables for situations of domestic violence in childhood were female and did not have a paid activity. Students in recent academic years are more likely to experience situations of physical violence. The factors that reduce the chances of experiencing situations of sexual violence were suffering insults, being married, and having paid activities. There is evidence of the existence of situations of violence at the university level and the need for prevention and health promotion among this population.

Keywords: Violence, Students and Human formation recourse.

1. INTRODUÇÃO

A violência em seus diversos contextos tem sido considerada uma epidemia invisível, se caracteriza por ser um velho e grave problema de saúde pública mundial que resulta em sofrimento humano, por gerar diversos e elevados custos sociais, médicos e legais em virtude do impacto que provoca na morbimortalidade, principalmente em jovens. A violência como uma das causas externas e as patologias crônicas contribui com 10,2% da carga global de doença, medida em anos potenciais perdidos ajustados por incapacidade (MENDES, 2011).

A exposição as violências estão associadas diversas formas de danos traumáticos, com repercussão nas diversas etapas do ciclo vital. Evidências mostram que pessoas vítimas de violência na infância podem apresentar comportamentos agressivos e/ou violentos ou vitimizadas na fase adulta. No entanto, fatores ligados ao desenvolvimento pessoal como fatores sociais e psicológicos interferem não podendo ser uma premissa verdadeira (CUNHA et al., 2011; FONTE, 2017).

As prevalências da violência variam em diversas formas e intensidade de acordo com o contexto sociocultural, definição de violência, método e amostra utilizada, dificultando qualquer comparação mais peculiar dos resultados produzidos por diferentes estudos, por ser um fenômeno multifacetado. No Brasil, os homicídios compõem dentre as maiores causas de morte entre os jovens de 10 a 29 anos, sendo que atinge mulheres e homens jovens mais do que em qualquer faixa etária (CERQUEIRA et al., 2020).

No Brasil ainda são limitados os estudos realizados junto à população universitária em relação a violência. Um dos maiores estudos nacionais desenvolvidos com estudantes universitários assinalou que a violência é considerada como um fator crucial para compreender a relação do uso de substâncias psicoativas por mulheres ao longo do tempo (BRASIL, 2010). A violência (física, psicológica e sexual) no relacionamento íntimo (sofrida ou perpetrada durante o namoro) com níveis elevados (75,9% vítimas e 76,4% perpetrador, na vida) em ambos os sexos foi destacada em estudo multicêntrico com 362 estudantes universitários (FLAKE et al., 2013). Estudo qualitativo realizado em uma universidade pública sobre a percepção de estudantes de enfermagem sobre as formas de manifestação de violência no ambiente universitário revelou que, as relações discente-docente foram consideradas distantes, verticais e autoritárias. Os relacionamentos entre graduandos, embora avaliados como satisfatórios, foram marcados por competitividade, inveja e egoísmo.

A vaidade, cansaço, estresse e sobrecarga foram consideradas causas da violência implícita nas relações. Entre as manifestações explícitas de violência predominaram *bullying*, violência verbal e psicológica, de modo que lhes prejudicava o desempenho escolar, a qualidade de vida e seu bem-estar. Os resultados apontam necessidade de criação de sistema que facilite a denúncia de abusos e ofereça apoio às vítimas; investimento em programas de intervenção que conscientizem sobre a temática, melhorem as relações acadêmicas, previnam maus-tratos; realizando a inclusão do tema violência nos currículos (SCHERER et al., 2015).

Evidencia-se que o jovem ao adentrar no mundo universitário está exposto a diversas situações sociais e culturais novas e desafiadoras, por não está apenas se preparando para uma nova profissão, mas vivendo uma vida social mais intensa, longe da supervisão dos familiares. Nessa nova etapa do ciclo vital está experimentando novas composições familiares por estar fora de casa, vivendo com amigos em repúblicas, participando de festas, experimentando bebidas alcoólicas e outras substâncias, iniciando a vida sexual e se envolvendo em outros comportamentos sociais, fazendo novos amigos, entrando no mundo adulto e se firmando como pessoa. (CAMARGO et al., 2019)

Esses jovens, mediante ao enfrentamento de tantas transições, muitas vezes não percebem determinadas situações os riscos que estão expostos no cotidiano universitário como as diversas faces da violência e, conseqüentemente, não as notificam aos órgãos competentes. Elementos que contribuem para que a magnitude do fenômeno fique subestimada (FLAKE et al., 2013; MORENO-CUBILLOSO et al., 2013).

Por tais elementos e somado a vivência em nossa prática docente em sala de aula tem sido notório o crescente número de alunos que buscam orientações por terem se envolvido em situações de violência, uso de bebidas e drogas, o que nos despertou para esse estudo.

O presente estudo teve por objetivo analisar os fatores preditores para situações de violência em estudantes universitários.

2. MATERIAIS E MÉTODO

Estudo transversal descritivo de abordagem quantitativa. O estudo foi desenvolvido em uma universidade pública de um município do interior do estado de Minas Gerais, Brasil.

Por meio de cálculo amostral, estimou-se entrevistar um total de 1393 alunos (95% de confiabilidade e 2% de precisão). No entanto, devido às perdas amostrais [60 (4,3%) questionários incompletos, 192 (13,8%) em branco, 150 (10,8%) ausência em sala de aula], a amostra ficou composta por 991 (71,1%) alunos de 19 cursos de graduação.

Os critérios de elegibilidade estabelecidos foram: ter idade ≥ 18 anos, estar regularmente matriculado na referida IES e estar presente em sala de aula no momento da coleta. Critérios de exclusão: ausência em sala de aula após três tentativas consecutivas de coleta de dados.

Para coleta de dados um instrumento foi elaborado, composto por: (1) informações sociodemográficas e (2) informações sobre as situações de violência vivenciadas e (3) Violência na infância e foi coletado por um grupo de alunos treinados.

Esse instrumento foi baseado nas *Informações sobre situações de violência da Organização Mundial de Saúde (OMS)* composto por oito itens, classificadas em três grupos: a física (6 itens), psicológica (4 itens), sexual (4 itens), e acrescentado uma pergunta específica sobre a violência ocorrida em qualquer momento na infância (GARCIA MORENO et al., 2005; GARCIA MORENO et al., 2006; SCHRAIBER et al., 2007; SCHRAIBER et al., 2010). Esse instrumento tem sido utilizado em vários países, apresentando, na maioria dos estudos, bons índices de consistência interna, valores de alfa de *Cronbach* para violência psicológica (0,784 e 0,793), violência física (0,827 e 0,829) e violência sexual (0,778 e 0,772) em diferentes amostras (SCHRAIBER, 2007).

Para o estudo foi utilizada a definição de violência pela Lei Maria da Penha nº 11340/2006 e 13.827/2019, utilizado somente a violência física, psicológica e sexual (BRASIL, 2006; BRASIL, 2019).

“(1) Violência Física: qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal;

(2) Violência Psicológica: qualquer conduta que cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação;

(3) Violência Sexual: qualquer conduta que constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos”.

Para a variável violência na infância foi considerada a vivência de situações de negligência, os maus tratos, a crueldade e a omissão de seus direitos conforme o ECA, 1990 (BRASIL, 1990) e ter vivenciado a violência contra outros elementos da família em qualquer momento desta fase do ciclo vital.

O instrumento final foi avaliado por um grupo de quatro juízes, especialistas na área e, após sugestões e correções, testado em um estudo piloto com 10 participantes não participantes da presente amostra com diferentes níveis educacionais.

O estudo seguiu as normas e procedimentos éticos de acordo com a Resolução 466/2012 (BRASIL, 2012). Foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa local da Instituição de Ensino Superior. Processos: 124/2010 e 104/2011. Um banco de dados foi elaborado no *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS), versão 19.

Os resultados foram apresentados em número (n), porcentagem (%), média, desvio-padrão (DP) e o teste Qui-quadrado, com valores significativos de $p \leq 0,05$.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra foi composta por 991 estudantes de graduação dos cursos das seguintes áreas: 548 (55,4%) saúde, 240 (24,3%) humanas e 201 (20,3%) exatas. Dos estudantes, mais que a metade era do sexo feminino 661 (61,2%), jovens com média de idade de 22 ± 6 anos, variando entre 17 a 59 anos, declarados heterossexuais 941 (95%); solteiros 923 (93,1%), católicos 657 (66,3%), com renda familiar entre 4 a 7 salários-mínimos 336 (33,9%), dependentes financeiramente da família 847, (85,5%), residentes em repúblicas 485 (49,6%). Em relação ao ano cursado, os estudantes pertenciam 355 (35,9%) ao primeiro ano, 255 (25,8%) segundo ano, 219 (22,1%) e 160 (16,2%) quarto ano de graduação. Dos estudantes 222 (22,4%) haviam sofrido algum tipo de violência na infância.

Nota-se uma amostra homogênea de estudantes que vivenciaram ou não situações de violência na infância quando comparadas as informações sociodemográficas como: sexo, estado civil, religião, dependência financeira familiar, profissão, moradia, área do curso e ano de graduação ($p > 0,05$). Na tabela 1 pode ser notada que os estudantes se diferenciaram em relação a faixa etária (21 a 30 anos) e ter atividades remuneradas ou ser bolsista com maiores porcentagens entre aqueles que vivenciaram situações de violência na infância.

Apresentamos em tabelas somente os dados que apresentaram valor de $p \leq 0,05$ relacionado ao sexo.

Tabela 1 - Características sociodemográficas e situações de violência na infância, segundo os estudantes universitários. Alfenas, MG, Brasil, 2012. (n = 991).

Variáveis	Total	Violência na infância [n (%)]		Valor de p.
		Sim 222 (22,4%)	Não 379 (77,6%)	
Sexo[‡]				
Masculino	385 (38,8)	76 (42,2)	309 (38,1)	0,173
Feminino	606 (61,2)	104 (57,8)	502 (61,9)	
Faixa etária[‡]				
< 20	426 (43,0)	95 (43,0)	331 (44,4)	0,004*
21 – 30	497 (50,1)	107 (48,4)	390 (52,3)	
> 31	44 (4,9)	19 (8,6)	25 (3,4)	
Atividade remunerada[‡]				
Sim	224 (22,6)	76 (34,9)	148 (20,1)	0,001*
Não	732 (73,4)	142 (65,1)	590 (79,9)	
Bolsista[‡]				
Sim	99 (10,0)	35 (15,8)	64 (8,6)	0,002*
Não	871 (90,0)	187 (84,2)	684 (91,4)	

Nota: [‡]Teste Qui-quadrado. (*) valor de p ≤ 0,05

Os dados da tabela 2 mostram que do total de estudantes, um terço dos estudantes havia sofrido qualquer tipo de violência independentemente do sexo, sendo 332 (33,5%) violência física, 339 (34,2%) psicológica e 112 (11,3%) sexual. Nota-se maiores porcentagens de estudantes do sexo feminino que sofreram algum tipo de violência sexual [109 (18,0%) versus 3 (0,8%)] quando comparadas ao sexo masculino.

Dos estudantes, 222 (22,4%) vivenciaram situações de violência na infância, 185 (62%) declararam que a vítima era pessoas próximas como irmão (ã) e sobrinho (a), geralmente pessoas do sexo feminino, e o agressor, outras pessoas que não pertenciam a família, como vizinhos e pessoas desconhecidas 155 (48,9%) do sexo masculino (dados não disponíveis em tabela).

Na tabela 3 estão apresentados os tipos de violência sofrida por estudantes que haviam sofrido violência na infância. Dos estudantes, metade assinalou que sofreu violência física 91 (50,8%) e psicológica 106 (58,9), e duas a cada dez estudantes vivenciaram situações de violência sexual 39 (21,7%), com valores estatisticamente significativos (p<0,001).

Tabela 2 - Tipos de violência e sexo, segundo os estudantes universitários. Alfenas, MG, Brasil, 2012 (n = 991).

Tipos de Violência		Total	Sexo [n (%)]		Valor de p
			Masculino 385 (38,8%)	Feminino 606 (61,2%)	
Física[‡]	Sim	332 (33,5)	124 (32,2)	208 (34,4)	0,262
	Não	658 (66,5)	261 (67,8)	397 (65,6)	
Psicológica[‡]	Sim	339 (34,2)	127 (33,0)	212 (35,0)	0,282
	Não	652 (65,8)	258 (67,0)	394 (65,0)	
Sexual[‡]	Sim	112 (11,3)	3 (0,8)	109 (18,0)	<0,001*
	Não	879 (88,7)	382 (99,2)	497 (82,0)	

Nota: [‡]Teste Qui-quadrado (*) p < 0,05

Tabela 3. Tipos de violência sofrida na infância, segundo os estudantes universitários. Alfenas, MG, Brasil, 2012 (n = 991).

Tipos de Violência		Total	Violência na infância [n (%)]		Valor de p
			Sim	Não	
Física[‡]	Sim	332 (33,5)	91 (50,8)	241 (29,7)	<0,001*
	Não	658 (66,5)	88 (49,2)	570 (70,3)	
Psicológica[‡]	Sim	339 (34,2)	106 (58,9)	233 (28,7)	<0,001*
	Não	652 (65,8)	74 (41,1)	578 (71,3)	
Sexual[‡]	Sim	112 (11,3)	39 (21,7)	73 (9,0)	<0,001*
	Não	879 (88,7)	141 (78,3)	738 (91,0)	

Nota: [‡]Teste de Qui-quadrado (*) p < 0,05

A violência é um fenômeno universal, multifacetado e muito presente na vida dos jovens universitários, considerada um grave problema de saúde pública, que envolve populações cujos direitos básicos e humanos estão muitas vezes violados, acarretando em prejuízos no desempenho escolar, na qualidade de vida e bem-estar com repercussões negativas para a saúde física e mental em todas as etapas do ciclo vital (SCHERER, et al., 2015; WIZER et al., 2016; SOUZA et, 2018; SAEWYC et al., 2009).

Na presente amostra, os estudantes se diferenciaram em relação a idade, atividade remunerada e ser bolsista entre os estudantes que sofreram violência na infância (Tabela 1). Destaca-se que prevalência de violência na infância foi de 22,2%. Esse é um tema de global complexo de grande significado dentre os problemas sociais da atualidade, geralmente são acompanhados a outros tipos de violências, negligências e resultam em implicações na saúde mental futura dessas vítimas (DIEHL et al., 2019). Em estudantes de enfermagem, um terço da amostra (32%) havia sofrido violência na infância, ocorrida predominantemente no próprio lar e os familiares foram os agressores mais frequentes (CUNHA et al., 2011; CASTRO, 2011).

Quanto ao sexo e os tipos de violência, nota-se a violência sexual sofrida pelo sexo feminino (18%) (Tabela 2). Esse é um fenômeno bastante comum, com elevadas prevalência de violência contra a mulher apresentado em diversos contextos universitários tanto no contexto brasileiro quanto internacional (MACKAULYN et al., 2020; SOUZA et al., 2018; SAEWYC et al., 2009). Dados de estudo de revisão de literatura mostraram maiores porcentagens de violência sexual, psicológica e física sofrido por mulheres (CORDEIRO et al., 2013). A violência sexual foi identificada com algum tipo de violência, com ou sem penetração, com índices extremamente elevado (87%) em estudantes universitárias estadunidenses (MACKAULYN et al., 2020). Entre os estudantes universitários brasileiros, a violência física tem sido mais comumente cometida/sofrida pelos homens e a sexual pelas mulheres (SOUZA et al., 2018).

Nesse contexto, a prevalência da violência contra a mulher tem se mantido alta e variada no Brasil, provavelmente por causa das diferentes definições e tipos de violência, métodos de pesquisa utilizados, dos contextos socioculturais, níveis socioeconômicos e da qualidade das informações fornecidas (SOUZA et al., 2013). Por outro lado, há de considerar que embora a subnotificação de casos de violência seja elevada, a prevalência e as consequências individuais e coletivas são suficientemente graves para torná-la um problema de saúde pública, mas que vem sendo continuamente negligenciado (MENDES, 2011).

Outro resultado a ser destacado na presente amostra, é que a maioria dos estudantes que relataram situações de violência na infância, as vítimas eram do sexo feminino (irmã, sobrinha) e o agressor do sexo masculino (pessoas desconhecidas, não familiares). Os achados desse estudo aproximam-se de outros estudos nacionais que destacam que as vítimas, geralmente são do sexo feminino com maior dano físicos se comparadas ao sexo masculino. Por outro lado, aponta um evidente crescimento no número de homens como

vítimas de violência, e que estão experimentando também problemas de saúde mental semelhantes aos de suas parceiras (CECCHETTO et al., 2016; WINZER, 2016).

Ao comparar a violência sofrida na infância e o tipo de violência, metade da amostra sofreram violência psicológica (58,9%) e a física (50,8%), e duas a cada dez estudantes sofreram a violência sexual (21,7%). Destaca-se que, apenas esse tipo de violência se diferenciou na amostra, sendo predominante entre as mulheres 18,0%, quando comparada aos homens 0,8% (Tabela 3). Importante salientar que todos os tipos de violência causam danos e sofrimento mental e por isso a necessidade de ser encarada como um problema social e encaminhar os estudantes para os serviços de acompanhamento mental, seja da universidade ou de serviços públicos (BALTAZAR-MEGA et al., 2020).

Estudos apontam que a violência verbal e a psicológica tem sido a mais comumente observadas em contexto universitário. A violência psicológica foi considerada a mais presente entre professores e alunos (SCHERER, et al., 2015; GODINHO et al., 2018).

A violência física pode levar a alterações físicas que podem acompanhar o resto da vida dessas pessoas, como deformidades e a vitimização no futuro (GIULIANA SOLANO et al., 2019; VALDIVIA-PERALTA et al., 2019).

As consequências da violência sexual incluem inúmeros comprometimentos na saúde física tais como traumas físicos, gravidez indesejada, doenças sexualmente transmissíveis, além de todas as possíveis consequências para a saúde mental da vítima (ORAM et al., 2017).

Experiências anteriores no envolvimento de situações de violência podem funcionar como preditores de comportamentos subsequentes, tanto na vitimização, quanto para a perpetração das agressões. Pessoas vítimas de violência infantil podem reportar de violência psicológica e vitimização durante o período da vida universitária na graduação e são mais propensos a serem submetidos em situações de violência em outras etapas tardias do ciclo vital (ALMANZA-AVENDAÑO et al., 2017; GIULIANA SOLANO et al., 2019).

4. CONCLUSÃO

O presente estudo demonstrou que a presença de situações de violência entre os universitários existe e que deve ser observada com maior atenção.

Os dados desse estudo forneceram dados para a ampliação de políticas universitárias e programas de prevenção/intervenção contra a violência. Esses programas visam diminuir o impacto da violência e promover melhores condições de saúde mental e bem-estar entre os estudantes universitários permitindo a otimização do cuidado e minimização do sofrimento ocasionado por este evento.

No âmbito universitário há a necessidade proeminente de conscientização de que a violência existe entre os estudantes universitários, que a sua percepção permitirá ações que venham amenizar esse grave problema de saúde pública. No entanto, é muito importante que haja implantação de programas de capacitação de profissionais da saúde e educadores para tratar e identificar problemas relacionados às sequelas da violência.

Algumas limitações do presente estudo devem ser consideradas. O recrutamento de uma única amostra universitária, dada a sua homogeneidade, não permite também a generalização de resultados.

Investigações futuras devem ser desenvolvidas com base em outras abordagens qualitativas e estudos longitudinais envolvendo os outros *Campus*, de modo a compreender se os dados refletem a região macro sul. Deve ser considerada ainda uma avaliação de violência dentro do espaço específico da universidade, relatando as relações de poder entre o corpo discente e docentes, assim como entre os discentes devem ser estimulados.

5. REFERÊNCIAS

ALMANZA-AVENDAÑO, M.A.; GÓMEZ-SAN, L.A.H.; GURROLA-PEÑA, G.M. Victimization, resiliencia y salud mental de estudiantes de universidad en Tamaulipas, México. **Revista Latino-Americana de Ciências Sociais, Ninez e Juventud**, v. 16, n. 1, p. 345-360, 2017.

BALTAZAR-MEZA, C.Y.; PÉREZ-CAMBORDA, B.R.; SOLIS-MANDUJANO, D.Y.; HUAMÁN DE LA CRUZ, A.R. Violence forms among university students from Junin Región, Perú. **Revista de. salud pública**, v. 22, n. 4, p. e201, 2020.

BRASIL. Lei Maria da Penha. **Lei n. 13.827 de 13 de maio de 2019**. Medidas protetivas pelas autoridades policiais. Brasília - DF, 2019.

BRASIL. Lei Maria da Penha. **Lei n. 11.340/2006**. Coíbe a violência doméstica e familiar contra a mulher. Brasília - DF, 2006.

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 1990

BRASIL. Resolução nº 466/2012 (Br). **Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos**. Conselho Nacional de Saúde. Comitê Nacional de Ética em pesquisa em seres humanos. Brasília-DF, 2012.

BRASIL. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. **Levantamento sobre usuários de drogas e violência**. Brasília - DF, 2010.

CAMARGO, E. C. P.; GONÇALVES, J. S.; FELIPE, A. O. B.; FAVA, S. M. C. L.; ZAGO, M.M.F.; DÁZIO, E.M.R. Uso e abuso de drogas entre universitários e a sua interface com as políticas públicas. **SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool Drogas**, v. 15, n. 4, p. 1-9, 2019.

CASTRO, M. L.; CUNHA, S. S.; SOUZA, D. P. Comportamento de violência e fatores associados entre estudantes de Barra do Garças, MT. **Revista de Saúde Pública**, v. 45, n. 6, p.1054-1061, 2011.

CECCHETTO, F.; OLIVEIRA, Q.B.M.; NJAINE K.; MINAYO M.C.S. Violence as perceived by adolescent males in the affective-sexual interaction, in ten Brazilian cities. **Interface**, v. 20, n. 59, p. 853-64, 2016.

CERQUEIRA, D.; et al. **Atlas de Violência no Brasil**, IPEA, 2020.

CORDEIRO L. M.; CORDEIRO S. M.; LIMA C. C.; FRANCO T. L. B.; GRADIM, C. V.C. Violence against women: integrative review. **Journal of Nursing UFPE**, v. 7, n. 3, p. 862-869, 2013.

CUNHA, J.M.; GONÇALVES, F.G.A.; SIMÕES, D.C.C.; CARMO, D.A.; SOUZA, V.M. The experiences of physical violence in childhood of Nursing undergraduate students / La violencia física en la infancia de estudiantes de Enfermería. **Revista Brasileira de Medicina da Família e Comunidade**, v. 6, n. 18, p. 27-31, 2011.

DIEHL, A.; CLEMENTE, J.; PILLON, S. C.; SANTANA, P. R. H.; DA SILVA, C.J.; MARI, J. J. Early childhood maltreatment experience and later sexual behaviour in Brazilian adults undergoing treatment for substance dependence. **Brazilian Journal Psychiatry**, v. 41, n. 3, p. 199-207, 2019.

FLAKE, T.A.; BARROS, C.; SCHRAIBER, L.B.; MENEZES, P.R. Violência por parceiro íntimo entre estudantes de duas universidades do Estado de São Paulo, Brasil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 16, n. 4, p. 801-816, 2013.

FONTE, R.F. **Os reflexos da infância na vida adulta: uma revisão de literatura**. (TCC) Graduação em Odontologia - UNESP, Araraquara, 2017.

GARCIA-MORENO, C.; JANSEN, H. A.; ELLSBERG, M.; HEISE, L., WATTS, C. H.; et al. Prevalence of intimate partner violence: findings from the WHO multi-country study on women's health and domestic violence. **Lancet**, v. 368, n. 9543, p. 1260-1269, 2006.

GARCIA-MORENO, C.; JANSEN, H. A.; ELLSBERG, M.; WATTS, C. H. **WHO multi-country study on women's health and domestic violence against women: initial results on prevalence, health outcomes and women's response**. Geneva: World Health Organization; 2005.

GODINHO, C. C. P. S.; TRAJANO, S. S.; SOUZA, C. V.; MEDEIROS, N. T.; CATRIB, A.M. F.; VASCONCELLOS ABDON, A.P. A violência no ambiente universitário. **Revista Brasileira de Promoção a Saúde**, v. 31, n. 2, p. 1-8, 2018.

GUILIANA SOLANO, C.; CHAUCA DE QUISPE, C.L.; GONZALES AEDO, N.O.; HERNÁNDEZ HUARIPAUCAR, E.M.; HUAMÁN ESPINOZA, G.R.; QUISPE NOMBRERAS, V.C.; et al Factores asociados a la violencia familiar en estudiantes universitarios de Ciencias de la Salud. **Revista cubana salud pública**, v. 45, n. 2, p. e1239, 2019.

MCCAULEY, H.L.; JONES, K.A.; ROFEY, D.L.; REID, T.A.; MOLEIRO, E.; COULTER, R.W.S. Violência Sexual, Uso de Álcool e Gênero de Parceiros Sexuais entre Mulheres Cigêneras que Procuram Assistência nos Centros de Saúde de Faculdades dos EUA, 2015-2018. **American Journal of Public Health**, v. 110, n. 6, p. 850-856, 2020.

MENDES, E. V. **As redes de atenção à saúde**. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2011.

MORENO-CUBILLOSO, C. L.; SEPÚVEDA-GALLEGO, L. E. Violence and discrimination against nursing students in a Colombian public university / Violencia y discriminación contra estudiantes de enfermería en una universidad pública. **Invest educ enferm**, v. 31, n. 2, p. 226-33, 2013.

ORAM, S.; KHALIFEH, H.; HOWARD, L. M. Violence against women and mental health **Lancet Psychiatry**. v.4, p.159-170, 2017.

SAEWYC, E.M.; BROWN, D.; PLANE, M.; MUNDT M.P.; ZAKLETSKAIA, L.; WIEGE, L.J., FLEMING M.F. Gender Differences in Violence Exposure Among University Students Attending Campus Health Clinics in the United States and Canada. **Journal of Adolescent Health**, v. 45, p. 587–594, 2009.

SCHERER, Z. A. P.; SCHERER, E. A.; ROSSI, P. T.; VEDANA, K. G. G.; CAVALIN, L. A. Manifestação de violência no ambiente universitário: o olhar de acadêmicos de enfermagem. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 17, n. 1, p. 69-77, 2015.

SCHRAIBER, L.B.; D'OLIVEIRA A.F.P.L.; COUTO, M.T.; HANADA, H.; KISS L.B.; DURAND, J.G.; et al. Violência contra mulheres entre usuárias de serviços públicos de saúde da Grande São Paulo. **Revista de. Saúde Pública**, v. 41, n. 3, p. 359-367, 2007.

SCHRAIBER, L.B.; LATORRE M.R.D.O.; FRANÇA JR, I.; SEGRI, J.N.; D'OLIVEIRA A.F.P.L. Validade do instrumento WHO VAW STUDY para estimar violência de gênero contra a mulher. **Revista de. Saúde Pública**, v. 44, n. 4, p. 658-666, 2010.

SOUSA A.K.A.; NOGUEIRA, D.A.; GRADIM.C.V.C. Perfil da violência doméstica e familiar contra a mulher em um município de Minas Gerais, Brasil. **Cadernos de saúde coletiva**, v. 21, n. 4, p. 425-431, 2013.

SOUZA T.M.C.; PASCOALETO T.E.; MENDONÇA, N.D. Violência contra mulher no namoro: percepções de jovens universitários. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 10, n. 3, p. 31-43, 2018.

VALDIVIA-PERALTA, M.; FONSECA-PEDRERO, E.; GONZALEZ BRAVO, L.; PAINO PINEIRO, M. Invisibilización de la violencia en el noviazgo en Chile: evidencia desde la investigación empírica. **Perfil Latinoamericana**, v.27, n.54, p. 1-31, 2019.

WINZER, L. Agressão sexual entre jovens universitários: questão de saúde pública? **Physis**, v. 26, n. 2, p. 393-398, 2016.